

Por que ensinar “Literatura Marginal” em nossas salas de aula?

Neuza Maria Sant’ Anna de Oliveira
Letícia da Silveira Espindula
Thaiana de Assis Santana
(UERJ)

Eixo Temático: Fazendo escola com múltiplas linguagens

Resumo

Literatura marginal é um estilo literário que surgiu na década de 70 e vem crescendo ao longo dos anos. Os textos deste estilo apresentam características próprias abusando da linguagem coloquial, das gírias e desprendendo-se da linguagem institucionalizada. Alguns teóricos acreditam que o fracasso escolar se dá pela falta de capital cultural e pela imposição da cultura da classe dominante, que faz com que os alunos oriundos das classes populares sejam obrigados a adequar-se a tal cultura, mesmo que não se identifiquem com ela. Logo, trabalhar com a Literatura Marginal é levar os nossos alunos a se identificarem com essa nova escrita, já que muitos falam e escrevem em suas práticas sociais da forma como é colocada nos textos. Quando trabalhamos somente com os clássicos literários os alunos perdem o prazer de ler, já que tais obras possuem um linguajar bastante rebuscado e de difícil compreensão, criando assim um desinteresse bastante comum entre os alunos. Através da Literatura Marginal os alunos oriundos das classes populares que utilizam a linguagem coloquial poderão se ver na escola e perceber que ela agora fala sua “língua”, entretanto, é importante ressaltar que a literatura clássica também é extremamente importante para o processo de ensino-aprendizagem. Não queremos aqui negá-la, mas sim apresentar um novo estilo literário que surge como proposta de mudança da realidade escolar ao encorajar nossos alunos a serem leitores e escritores proficientes.

Introdução:

Nos últimos tempos a mídia abriu espaço para que a periferia mostrasse o seu estilo de vida, suas músicas, a forma como fala, age e se comporta, ou seja, possibilitou a esse grupo social a oportunidade de mostrar seus valores. Estamos presenciando uma nova era onde os dominadores estão de olhos nos dominados, isso é bom para que velhos paradigmas sejam quebrados.

Infelizmente a mídia ainda não descobriu a produção literária da periferia, pois ainda acredita que esta não possui literatura própria, porém, já é uma realidade que este grupo social produz literatura e de boa qualidade, com suas características de linguagem próprias, diferentes (em relação à tradicionalmente produzida) e com uma rica demonstração da cultura que está inserida.

Neste trabalho apresentaremos a “Literatura Marginal”, denominação da produção literária dos escritores oriundos das regiões periféricas, e sua importância na quebra do paradigma que aponta a falta de capital cultural como causa do fracasso escolar.

De acordo com o paradigma do fracasso escolar, relacionado à teoria do capital cultural de Bourdieu, a “falta” de capital cultural leva um aluno ao fracasso na escola, ou seja, um filho da classe dominante tem maior probabilidade de ter sucesso escolar do que um filho de um operário.

(...) as condições de vida que gozam as classes dominantes e, em consequência, as formas de socialização da criança no contexto condições permitem o desenvolvimento, desde a primeira infância de características –

hábitos, atitudes, conhecimentos, habilidades, interesses – que lhes dão a possibilidade de ter sucesso na escola. (SOARES, 1994: 13-13)

O que é “Literatura Marginal”?

Segundo LAJOLO literatura não pode ser definida, já que existem vários conceitos sobre esta arte. Isso pode ser comprovado quando em seu livro *O que é Literatura* a autora se utiliza do dicionário Aurélio para definir o que é literatura. Neste aparecem dez significados para o termo e, por isso, utilizamos o conceito mais comum, que define a literatura como tudo o que se escreve. Ainda, segundo o dicionário, esta palavra se deriva do termo em latim *littera*, que significa letra.

Já a palavra marginal possui um sentido de ambivalência, pois essa palavra é utilizada juridicamente para designar aquele sujeito que vive no mundo do crime, delinqüente, indolente e perigoso. Em outro sentido, é utilizada sociologicamente para designar aquelas pessoas que são vitimadas pela marginalização da sociedade, como pobres, desempregados, migrantes entre outros.

Quando utilizamos o termo *Literatura Marginal* nos referimos à produção dos escritores oriundos de comunidades marginalizadas socialmente, que estão à margem das grandes obras literárias de circulação no mercado editorial, atribuindo os seguintes significados:

O primeiro significado se refere à produção dos autores que estariam à margem do corredor oficial de divulgações de obras de obras literárias...O segundo significado está associado aos textos com um tipo de escrita que recusaria a linguagem institucionalizada ou os valores literários de uma época...Entretanto o terceiro significa encontra-se ligado ao projeto intelectual do escritor e releer o contexto de grupos oprimidos, buscando retratá-los nos textos. (NASCIMENTO,2006: 11-11)

O termo “Literatura Marginal” surgiu na década de 70 num cenário político bastante conturbado em nosso país. Vivíamos um período de ditadura militar e, como forma de subversão à ordem, um grupo de intelectuais escreviam poemas em folhas mimeografadas e distribuíam por lugares de convívio comuns, como bares, cinemas entre outros. Os textos produzidos nesta época eram “marcados pela irônia, pelo uso da linguagem coloquial e do palavrão e versavam sobre sexo, tóxico e principalmente do cotidiano das classes dominantes”. Tais escritores eram de classes media alta e estudantes universitários, sobretudo, esse movimento se concentrava basicamente na cidade do Rio de Janeiro. (NASCIMENTO, 2006:14-14).

Nos anos 90 o movimento de “escritores marginais” apareceu novamente, com a publicação da revista Caros Amigos/Literatura Marginal, como uma reestruturação das produções da década de 70, porém, a nova geração relacionava seus textos ao cotidiano das camadas populares e aos

problemas sociais da realidade periférica. Seus autores são de classe baixa e vivem em comunidades carentes, na sua maioria não possuem o ensino fundamental completo. Seus textos apresentam características próprias, abusando da linguagem coloquial, das gírias e despreendendo-se da linguagem institucionalizada.

Dentro desse movimento, o livro “Capão Pecado”, comercializado não apenas no território nacional, tem maior relevância, sendo considerado, inclusive um “best-seller”. Este romance do escritor Ferréz retrata o cotidiano de uma das periferias de São Paulo, o bairro do Capão Redondo. O autor faz uso da linguagem coloquial carregando os textos de gírias e xingamentos como podemos ver abaixo:

A número 1 sem troféu.

1º Obrigado a Deus por me manter malandramente vivo.

(...)

Sem pretensão, a gente aqui do Capão nunca ia conseguir chamar a atenção do resto do mundo, porque da ponte João Dias pra cá é outro mundo, ta ligado?

Eu era bem pivetinho e já ligava o nome Capão Redondo a sofrimento, 80% dos primeiros moradores, ou quase primeiros, eram nordestinos, analfabetos.

Gente muito humilde, sofredora, que gosta da coisa certa.

(...)

Capão Redondo é pobreza, injustiça, ruas de terra, esgota a céu aberto, crianças descalças, distritos lotados, veículo do IML subindo e descendo pra lá e pra cá, tensão e cheiro de maconha o tempo todo. São Paulo não é a cidade maravilhosa, e o Capão Redondo no lado sul do mapa, muito menos.

Aqui as histórias de crime não tem romantismo e nem heróis.

Mas, aí! Eu amo essa porra!

No mundão eu não sou ninguém, mas no Capão Redondo eu tenho meu lugar garantido, moro mano?

Vida longa aos guerreiros Justos.

É assim que eu vejo.

“A número 1 sem troféu”

Capão Redondo, uma escola.

Firmeza!!

Mano Brown. (FERRÉZ:

No site da revista Caros Amigos encontramos um texto escrito por Ferréz que justifica o porquê em ser um escritor marginal.

“E temos muito a proteger e a mostrar, temos nosso próprio vocabulário que é muito precioso, principalmente num país colonizado até os dias de hoje, onde a maioria não tem representatividade cultural e social.” (FERRÉZ, 2008)

Capital cultural e fracasso escolar.

O fracasso escolar está intimamente ligado ao capital cultural ou à falta dele, já que, a escola requer de seus alunos certa cultura que muitos deles não possuem e com isso ele acaba sendo a justificativa para o insucesso escolar.

Segundo Bourdieu, “é o nível cultural global do grupo familiar que mantém a relação mais estreita com o êxito escolar da criança”, com isso, podemos constatar que quanto maior for o nível econômico da família, maior é a probabilidade do êxito escolar, já que as famílias que possuem maior capital econômico têm possibilidades de investir em capital cultural, como teatro, museus, cinemas, viagens entre outros.

É a posição da família frente aos meios culturais que faz o êxito existir. Uma família com carências nutricionais, afetivas, econômicas não tem possibilidade de investir em cultura, sendo assim, cabe à escola compensar essa carência cultural inculcando certos hábitos culturais que não fazem sentido para ela.

Entretanto do ponto de vista das ciências sociais e antropológicas, as noções de... “carência cultural”... são inaceitáveis: não há cultura superior e inferiores, , mais complexas e menos complexas, ricas e pobres; há culturas diferentes e qualquer comparação que pretenda atribuir valor positivo ou negativo a essas diferenças é cientificamente errônea... (SOARES, 1994:14)

Concordamos que a falta de capital cultural prejudique o desempenho de nossos alunos, mas será que eles não têm cultura? Ou será que eles são forçados a se enquadrarem em uma cultura que não os pertence e com isso se torna evidente o fracasso? Mas o que é cultura?

O que é cultura?

Desde Roma antiga cometemos o equívoco de atribuir o conceito de cultura ao refinamento e sofisticação de um indivíduo. Neste contexto, se um sujeito lê “bons livros” ou ouve “boa musica” é tido como culto, caso o contrário e considerado como um indivíduo sem cultura.

Foi utilizando esse argumento que os portugueses dominaram e massacraram os indígenas quando chegaram na terra que hoje conhecemos como Brasil. Como não possuíam os atributos, nos padrões europeus, que definiam um povo rico culturalmente, foram considerados incultos e deveriam, por isso, serem dominados. Porém hoje sabemos que a cultura indígena é riquíssima e em nada deve a nenhuma outra cultura, ela é apenas diferente e isso a faz ser original.

Atualmente podemos definir cultura por uma visão antropológica que relaciona seu significado a todo o comportamento aprendido, tudo aquilo que independe de uma transição genética, ou seja, cultura é tudo aquilo que adquirimos do meio em que vivemos como: hábitos, costumes, linguagens, vestimentas, religião, valores etc. Cada grupo social possui sua cultura, não há cultura superior ou inferior, ricas ou pobres, mais ou menos complexas e sim várias culturas que podem e vivem em uma mesma sociedade. Quando isso acontece dizemos que é ocorre um

pluralismo cultural e esta característica podemos encontrar na sociedade brasileira com muita facilidade.

Num país com dimensões continentais é bastante comum encontramos pluralidades culturais. Uma pessoa que vive no Sul do Brasil não fala, não se veste e não come exatamente igual como uma pessoa que vive no Norte do país. Não precisamos ir muito longe para detectarmos tais mudanças culturais em nossa sociedade. Até mesmo na cidade onde vivemos podemos reunir em nossas salas de aulas várias etnias, mesmo que sejam pessoas que moram na mesma cidade e de um mesmo grupo social. Sendo assim, por que não respeitamos essas diferenças?

Por que trabalhar com “Literatura Marginal” em nossas salas de aula?

Em depoimentos de alunos que não tiveram êxito na vida escolar sempre ouvimos dizer que eles não compreendiam o que a escola falava. É fato que a escola não fala a língua dos nossos alunos e nós professores estamos sempre reproduzindo o sistema vigente e, conseqüentemente, perdemos mais crianças a cada ano.

Isso ocorre por causa de uma questão aparentemente simples, a escola não respeita as diversidades culturais que nossas crianças trazem e com isso sempre repetimos os mesmos “erros”. Marginalizamos a cultura de nossos alunos, logo, produzimos o fracasso, ou seja, o fracasso não se dá pela falta de capital cultural, já que não lhes faltam cultura, e sim pelo desrespeito à diversidade cultural.

Uma atitude que podemos tomar para mudar esse quadro é fazer a escola falar a língua dos alunos, utilizando os textos da “Literatura Marginal”, que, por sinal, são riquíssimos. Com eles podemos trabalhar vários conceitos e, mais importante ainda, os alunos irão se identificar com a escrita e com as histórias e poderão se ver nelas, já que vivenciam tudo aquilo que os textos trazem.

A escola como instituição social tem o dever de reparar todos os danos que a nossa sociedade fez e ainda faz com os menos favorecidos economicamente, discriminando-os e rejeitando-os. Ferréz no editorial do site Caros Amigos expressa essa vontade de fazer literatura para que a sociedade lembre que a periferia faz arte e de ótima qualidade.

Outra coisa também é certa: mentirão no futuro, esconderão e queimarão tudo o que prove que um dia a periferia fez arte. Jogando contra a massificação que domina e aliena cada vez mais os assim chamados por eles de “excluídos sociais” e para nos certificar de que o povo da periferia/favela/gueto tenha sua colocação na história e não fique mais quinhentos anos jogado no limbo cultural de um país que tem nojo de sua própria cultura, o Caros Amigos/Literatura Marginal vem para representar a cultura autêntica de um povo composto de minorias, mas em seu todo uma maioria.(FERRÉZ, 2008)

Quando respeitamos a diversidade cultural presente em nossa sociedade, ajudamos a diminuir os altos índices do fracasso escolar presente no nosso cotidiano. Assim, não queremos aqui de

maneira nenhuma negar os clássicos literários, mas sim apresentar um novo estilo de literatura que surge como uma proposta pedagógica fundamental para que possamos formar leitores proficientes¹ e não apenas continuarmos formando analfabetos funcionais². Acreditamos que este é um dos caminhos possíveis para enriquecer o processo de ensino-aprendizagem e possibilitar o sucesso dos nossos alunos.

Conclusão:

O fracasso escolar ocorre, principalmente, porque nossas escolas querem inculcar hábitos, costumes e valores que fogem à rotina dos nossos alunos moradores das periferias. Os hábitos, ou seja, a cultura desses alunos é outra, completamente diferente da cultura considerada dominante, o que faz com que o aluno não consiga aprender o que foi ensinado.

A arte produzida nas periferias vem crescendo muito nos últimos anos e ganhando espaço na mídia o que rompe com a ideia de cultura dominante. Não existe hierarquia entre as culturas, todas devem ser respeitadas. É o que precisamos que nossas escolas façam, respeitem a cultura de nossos alunos, valorizando-a.

Uma das causas do fracasso escolar está atrelada justamente ao fato de as escolas pretenderem inculcar culturas diferentes em nossos alunos. Como é possível um professor alfabetizar utilizando textos com linguagens diferentes das que o aluno está acostumado a ouvir no seu dia-a-dia?

Esta discussão não pára por aqui, ainda há muito o que ser feito para que as escolas e a sociedade em geral passem a respeitar e a valorizar as diferenças culturais.

¹ É aquele que se utiliza da leitura e da escrita com perfeição

² É aquele que sabe ler, mas não compreende o que leu.

Referencias Bibliográficas

FERRÉZ. *Capão Pecado*. 1º. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005

FERRÉZ. Manifesto de abertura: *Literatura Marginal. Net*, São Paulo. Seção Editorial. Disponível em: http://carosamigos.terra.com.br/outras_edicoes/edicoes_especiais/editorial.asp. Acesso em: 12/10/2008

LAJOLO, Marisa. *O Que é Literatura*. São Paulo: Brasiliense, 17ª ed. 1995.

NASCIMENTO, Érica Peçanha do. *Literatura Marginal: os escritores da periferia em cena*. São Paulo: USO, 2006

SANTOS, José Luiz dos. *O que é cultura*. São Paulo: Brasiliense 16ª ed. 2003. -col. Primeiros Passos, nº110

SOARES, Magda. *Linguagem e escola: Uma perspectiva social*. São Paulo, 11ª Ed.1994.